

# A Análise da Personalidade

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Para definir *fé*, alguma análise da personalidade é necessária. Não importa o que digamos que seja fé, as distinções entre atividades conscientes são pressupostas. De acordo com uma opinião muito comum, a consciência consiste dessas partes: intelecto, volição e emoção. A fé pode ser colocada entre um deles, ou pode ser descrita como uma combinação de dois ou até mesmo de todos os três. De qualquer forma, é requerido algum esquema analítico. Agora, uma das muitas dificuldades nesse procedimento surge da necessidade de se expressar a verdade bíblica em terminologia não-bíblica. Em si mesmo, o uso de terminologia não-bíblica não pode ser legitimamente criticado. O termo *Trindade* não ocorre na Bíblia, mas todos os trinitarianos sustentam que as idéias e relacionamentos que o termo envolve são solidamente bíblicas. Similarmente, a palavra *emoção* não ocorre na Bíblia, pelo menos não na *King James Version*. Contudo, no uso de nova terminologia, uma pessoa deve se assegurar que os termos sejam definidos sem ambigüidade. Desafortunadamente, muitas discussões sobre fé falham em definir *intelecto*, *vontade* ou *emoção*. Aqueles que usam os termos parecem ter apenas uma idéia nebulosa do significado deles, e um pouco de questionamento socrático revelaria prontamente a falta de inteligibilidade.

Há outro cuidado a ser tomado. Após o novo termo ser propriamente definido, sua relação com o material bíblico deve ser esclarecida. O uso de um termo não-bíblico numa discussão teológica é evidência de uma precisão e economia técnica que a própria Bíblia não tem. Nenhum termo bíblico corresponde precisamente a um novo, e o novo termo não corresponde exatamente a nenhum simples termo da Escritura. Portanto, uma confusão se estabelece se o novo termo for veladamente equacionado com algum termo familiar na Bíblia. Isso tem acontecido com grande freqüência na identificação do termo hebraico *coração* com o [termo] *emoção* da psicologia popular. O significado desse termo será discutido mais abaixo, mas aqui a ênfase cai sobre o princípio geral. Quando um novo termo é introduzido na teologia e é precisamente definido, ele nunca deve ser assumido de maneira descuidada, mas deve sempre ser cuidadosamente comprovado que o novo termo e definição expressam adequadamente as idéias da Escritura.

Então, a Bíblia suporta ou não a popular divisão tripartida da alma? Obviamente, a psicologia moderna oferece outras divisões além de intelecto, vontade e emoção. Sigmund Freud especificou o *id*, o *ego*, e o *superego*, mais um *libido* cujas relações com eles não é muito clara. Admitidamente essa divisão freudiana tem um mau cheiro entre os devotos; mas o seu próprio reconhecimento de um mal inerente lembra a visão cristã de hereditariedade e depravação humana suficientemente para reivindicar uma consideração cristã.

Ou, talvez, uma terceira análise seja melhor do que essas duas. Em todo caso, uma suposição apressada não pode ser permitida.

Porque é exigido cuidado, porque sobre o princípio a análise finalmente a ser escolhida deve se alinhar com a Bíblia, e porque – como já foi apontado anteriormente – o *coração* da Bíblia tem sido frequentemente identificado com as *emoções* da psicologia moderna, uma breve análise do registro bíblico deve ser feita.

O termo chave para a psicologia moderna, especialmente no Antigo Testamento, onde os princípios fundamentais foram lançados, o termo chave é *coração*. Quando cristãos contemporâneos, frequentemente em pregações evangelísticas, fazem um contraste entre a cabeça e o coração, eles estão na verdade igualando coração com emoções. Tal antítese entre cabeça e coração não é encontrada em nenhum lugar na Escritura. Pelo contrário, esse uso às vezes indica um afastamento do Antigo Testamento. Nos *Salmos* e nos profetas, coração designa o foco da vida pessoal. Ele é o órgão da consciência, do conhecimento próprio, de fato de todo o conhecimento. Uma pessoa pode muito bem dizer que a palavra hebraica para *coração* é o equivalente da palavra *personalidade* em português.

Para entender o uso do Antigo Testamento, considere os seguintes exemplos:

*Gênesis 6:5* Toda imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.

*Gênesis 8:21* E disse o SENHOR em seu coração: Não tornarei mais...

*Gênesis 17:17* Então... Abraão... disse no seu coração: A um homem de cem anos há de nascer um filho?

*Gênesis 20:6* Bem sei eu que na sinceridade do teu coração fizeste isto...

*1 Samuel 2:1* O meu coração exulta no SENHOR...

*1 Samuel 2:35* Um sacerdote fiel, que procederá segundo o que tenho no coração e na mente...

*Salmo 4:4* Consultai no travesseiro o coração.

*Salmo 7:10* O meu escudo está com Deus, que salva os retos de coração.

*Salmo 12:2* Falam com lábios lisonjeiros e coração dobrado.

*Salmo 14:1* Disseram os néscios no seu coração: Não há Deus.

*Salmo 15:2* O que... fala a verdade em seu coração.

*Isaias 6:10* Não venha ele... a entender com o seu coração.

*Isaias 10:7* Nem o seu coração assim o imagine...

*Isaias 33:18* O teu coração se recordará dos terrores.

*Isaias 44:18* Nada sabem, nem entendem; porque se lhe untaram os olhos, para que não vejam, e o coração, para que não entendam. E nenhum deles considera em seu coração, e já não têm conhecimento nem entendimento.

Como existem aproximadamente 750 ocorrências da palavra *coração* no Antigo Testamento, essas citações dão apenas um exemplo muito pequeno. Mas elas são suficientes para mostrar que muitos versículos não fazem sentido algum se o termo fosse traduzido como *emoção*. Por exemplo, se essa identificação fosse feita, seria necessário dizer: Falam com lábios lisonjeiros e emoções dobradas; e, o que fala a verdade em suas emoções; e, não venha ele a entender com as suas emoções. Obviamente essa substituição resulta em absurdos. Não deve ser negado que o termo bíblico *coração* pode e ocasionalmente se refere às emoções, como em *1 Samuel 2:1*, embora aqui deva haver algum entendimento intelectual também. Mas embora as emoções sejam algumas vezes referidas, o termo *coração* mais frequentemente significa o intelecto. É o coração que fala, medita, pensa e entende. Ao mesmo tempo, não pode ser uniformemente traduzido *intelecto* como distinto da vontade ou das emoções. Isso não é porque ele exclua ou seja antitético à mente, o entendimento, ou o intelecto, mas porque ele inclui todos eles e significa a personalidade total. O termo *coração* na realidade significa o eu, ou, com alguma ênfase coloquial, o eu mais profundo de alguém. E como o eu age emocionalmente, volitivamente e intelectualmente, cada uma das três atividades são representadas em várias ocorrências do termo. Embora o termo *coração* inclua as emoções, e, portanto, não possa ser traduzido como *intelecto*, a referência intelectual ocorre com maior freqüência do que qualquer outra; e essa preponderância das referências intelectuais mostram a preponderância do intelecto na personalidade.

É extremamente difícil apreciar os motivos, pelo menos no caso daqueles que estão interessados na Bíblia, que levam a um menosprezo do intelecto. Por que a emoção deveria ser o único caminho ou até mesmo o melhor para Deus? Por que o pensamento, a meditação e o entendimento devem ser condenados? Por que conhecer, compreender ou apreender a Deus é uma forma pobre, impossível ou até mesmo ímpia de adorá-lo? O que há de errado com a atividade intelectual?

Então também, esse ato de denegrir o intelecto em favor das emoções, e possivelmente essa própria divisão tradicional tripartida, pode envolver uma assim chamada psicologia das faculdades que contradiz a ênfase bíblica sobre a personalidade unitária. Parenteticamente, pode ser observado que isso se aplica a Freud também. Esse tipo de psicologia deve ser condenado por suas insinuações repugnantes, mas principalmente por sua divisão esquizofrênica da personalidade.

A Bíblia não sugere uma psicologia das faculdades. Embora discussões como essas dificilmente possam evitar usar a palavra *intelecto*, deixemos claro que não há nenhum “intelecto”; há atos intelectuais; não há “emoções”; há oscilações flutuantes de temor, ira, tristeza e exaltação. Similarmente, não há nenhuma “vontade”, nenhum “id”, nenhum “superego”; mas uma pessoa unitária.

Assim, o contraste comum entre a cabeça e o coração é evidentemente anti-bíblico. Há um contraste na Escritura. É o contraste entre o coração e os lábios, pois Mateus está citando Isaías, quando ele diz: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”. Quando o contraste da Escritura é substituído por uma psicologia da faculdade alheia à Escritura, não pode ser rejeitada a possibilidade de que outras teses da Escritura serão descartadas ao mesmo tempo.

**Fonte:** *Religion, Reason and Revelation*, Gordon Clark, Trinity Foundation, páginas 90-94.

**Sobre o autor:** Gordon Haddon Clark (31 de Agosto de 1902 – 09 de Abril de 1985) foi um filósofo e teólogo calvinista americano. Ele foi o primeiro defensor da idéia de apologética pressuposicional e foi Presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Era um especialista em filosofia pré-socrática e antiga, e ficou conhecido por seu rigor ao defender o realismo Platônico contra todas as formas de empirismo, por argumentar que toda verdade é proposicional, e por aplicar as leis da lógica.

Para saber mais sobre esse gigante da fé cristã, acesse a seção biografias do site *Monergismo.com*.